

A ausência da prática integrativa na educação: Uma síntese sobre o processo de construção da pedagogia educacional no ocidente.

Autor: José Herculano Filho¹; Co-autor: Fabricio Possebon²

Universidade Federal da Paraíba - UFPB
herculanofilho@yahoo.com.br

Resumo

A complexa formação humana como se compreende nesse momento atual traz a tona desafios aos profissionais de ensino, no que diz respeito ao diálogo integrativo do conhecimento entre espiritualidade e educação. O objetivo desse trabalho é abordar a problemática da pedagogia educacional que se aplica nas instituições de ensino, através de uma pesquisa bibliográfica. O modelo adotado na formação do indivíduo foi moldado apenas aspecto racional no Ocidente, a partir de um determinado período histórico, principalmente na compreensão da constituição do ser, visto que para a tradição arcaica grega, o homem, *ánthropos*, se compreendia como algo pluridimensional, ou seja, constituído por diversos corpos ou envoltórios, mas ao longo do tempo a educação negligenciou esses aspectos, a ponto de não dialogar explicitamente acerca da temática. A dinâmica da realidade impôs desafios de transformação do ser moderno, daí portanto, a educação vem passando por mutações vertiginosas, desde a construção do ensino aprendizagem, até a compreensão dos aspectos psicossociais do indivíduo. Hoje existe um processo silencioso de mudança de paradigma, um movimento do eixo tradicional para o emergente, mesmo que a estrutura da educação tenha ainda arquétipos oriundos do pensamento cartesiano-newtoniano, com o surgimento de novas pesquisas, a realidade moderna impõe desafios de repensar a metodologia do ensino.

Palavras chave: Educação, Espiritualidade, Pedagogia, Ensino integrativo.

Introdução

Nas circunstâncias das sociedades primitivas, o conceito de educação num primeiro momento, relacionava a sobrevivência humana, a moral e à religiosidade, num segundo momento, o termo educação estava ligado à compreensão do legado cultural das artes, da poesia e da filosofia. De acordo com Abbagnano (2007), nesse período se distingue duas formas fundamentais de educação, uma que propõe transmitir às técnicas de trabalho e de comportamento, a outra, a transmissão das técnicas já em poder da sociedade, onde se propõe formar nos indivíduos com capacidade de corrigir e aperfeiçoar essas mesmas técnicas.

1 - O primeiro conceito de E. como se disse, é posto em prática pelas sociedades primitivas e também, parcialmente, nas sociedades secundárias, sobretudo no que tange à E. moral e religiosa. Consiste na transmissão pura e simples das técnicas consideradas válidas e na transmissão simultânea da crença no caráter sagrado, portanto imutável, de tais técnicas. Na tradição pedagógica do Ocidente, esse conceito de E., por motivos óbvios, foi formulado e defendido poucas vezes. [...].
2 – No segundo conceito de E., a transmissão das técnicas já adquiridas tem sobretudo a finalidade de possibilitar o aperfeiçoamento dessas técnicas através da iniciativa dos indivíduos. Nesse aspecto, a E. é definida não do ponto de vista da sociedade, mas do ponto de vista do indivíduo: a formação do indivíduo, sua cultura, torna-se o fim da educação. (ABBAGNANO, 2007, p. 306).

1. Aluno doutorando do PPGCR da Universidade Federal da Paraíba.
2. Professor doutor do PPGCR da Universidade Federal da Paraíba.

Na tradição grega, origem do pensamento ocidental, a educação fazia parte integral da formação do cidadão, estava intrínseca a compreensão pluridimensional do homem. Desde o período arcaico ao momento clássico, o grego deu ao Ocidente um dos conceitos básicos da filosofia educacional.

A espiritualidade grega arcaica é a maneira como este homem primitivo se colocava no mundo, entendendo-se pluridimensional, ou seja, sendo um ser único, um *ánthropos*, mas revestido de envoltórios sucessivos que abrigam a sua essência, a alma, *psykhé* (POSSEBON, 2016, p. 125).

As narrativas de Homero em *Iliada* e *Odisseia* forjaram o inconsciente grego, uma época, como diz Jaeger (1986) em que “a idéia de educação representava para ele o sentido de todo o esforço humano”, era a proposta de constituição do indivíduo e cidadão, em que tais pensamentos se desenvolveram nos séculos seguintes.

A *psykhé* grega e ocidental foi moldada pela influência do arcaico pensamento educacional homérico, assim pode se ler na República de Platão, quando Homero é considerado o educador da Grécia:

Por conseguinte, ó Gláucon, quando encontrares encomiastas de Homero, a dizerem que esse poeta foi o educador da Grécia, e que é digno de se tomar por modelo no que toca administração e a educação humana, para aprender com ele a regular toda a nossa vida, deves beijá-los e saudá-los como sendo as melhores pessoas que é possível, e concordar com eles em que Homero é o maior dos poetas..." (PLATÃO, 606 e - 607 a).

A influência homérica é visível nas manifestações religiosas, nos costumes, na poesia, nas expressões artísticas, na linguagem dos pensadores da época que se consolidou e ganhou contorno na Hélade. Conforme afirma Jieger (1986) em sua obra:

Dissemos que a importância universal dos Gregos como educadores deriva da sua nova concepção do lugar do indivíduo na sociedade. E, com efeito, se contemplamos o povo grego sobre o fundo histórico do antigo Oriente, a diferença é tão profunda que os Gregos parecem fundir-se numa unidade com o mundo europeu dos tempos modernos (JIEGER, 1986, p. 14).

O conceito de formação educacional grega se consolidou com os pré-socráticos e na época dos pensadores clássicos, principalmente entre os sofistas, socráticos, platônicos e aristotélicos, momento importante para o aperfeiçoamento da pedagogia do conhecimento ocidental.

Jieger (1986) no seu livro *Paidéia: A formação do Homem Grego*, define com propriedade o caráter revolucionário e solidário da história da educação humana grega, quando diz:

Não se trata de um conjunto de idéias abstratas, mas da própria história da Grécia na realidade concreta do seu destino vital. Contudo, essa história vivida já teria desaparecido há longo tempo se o homem grego não a tivesse criado na sua forma perene. Criou-se como expressão da altíssima vontade com que talhou o seu destino. Nós estádios primitivos do seu crescimento, não teve a idéia clara dessa vontade; mas, à medida que avançava no seu caminho, ia-se gravando na sua consciência, com clareza cada vez maior, a finalidade sempre presente em que sua vida assentava; a formação de um elevado tipo de Homem (JIEGER, 1986, p. 7).

Era a busca de uma educação entre a ação e a sabedoria, um ideal de homem que alimentava o pensamento grego.

Educação: o legado Grego na tradição ocidental

Passado os períodos arcaico e clássico grego, momento de simbiose do conhecimento, desde construção da metempsicose, do devir, do ser, do mundo das ideias, do mundo sensível e inteligível, da metafísica, enfim, da chegada do helenismo, onde a ideia de educação da formação para o exercício da cidadania e da vida política é deixada de lado e os fatores políticos, econômicos, sociais e culturais passam a influenciar na condução da pedagogia educativa na formação do indivíduo.

Para Reale (1990), são poucos os eventos históricos que, por sua relevância e suas consequências, acontecem de maneira emblemática o fim de uma época e o início de outra:

Encontravam-se assim destruídos aqueles valores fundamentais da vida espiritual da Grécia clássica que constituíram o ponto de referência do agir moral e que Platão, na sua República, e Aristóteles, na sua *Política*, não só teorizaram, mas também sublimaram e hipostasiaram, fazendo da *Polis* não apenas uma forma histórica, mas inclusive a forma ideal do Estado perfeito (REALE, 1990, p. 228).

Com o declínio da *Polis* grega, conforme Reale (1990) afirma, nasce uma nova identidade que é a do “indivíduo”. “Na idade helenística o homem começa a descobrir-se nessa nova dimensão: A educação cívica do mundo clássico formava cidadãos; a cultura da época de Alexandre forjou, depois, indivíduos” (REALE, 1990, p. 228-229).

O Império grego entra em declínio até, por fim, ser conquistado pelos romanos (146-147). Nesse período além das escolas platônica, aristotélica, surgem outras como o cinismo, o epicurismo, o estoicismo, o ecletismo, bem como o florescimento das ciências particulares.

De acordo com Arenilla (2001), o período helenístico adotou na educação o modelo com três graus de ensino:

- O grau elementar, dos 7 aos 14 anos, foi pouco alterado relativamente à época clássica, mas conheceu uma extensão geográfica e social. - O grau equivalente ao ensino secundário após os 14 anos foi generalizado à época de Aristóteles (384-322 a.C., fundador do Liceu em Atenas) e este ensino equilibrava formação literária e formação científica. Esta última compreende a geometria (os Elementos de Euclides), a aritmética (essencialmente o estudo do número inteiro), a astronomia geralmente ligada à astrologia, e a acústica. O estudo destas disciplinas é indiferente às aplicações práticas. O ensino das letras faz com que se conheçam os autores clássicos através de um método específico de exploração textual [...]. - O equivalente do ensino superior oferecia quatro vias ao estudante. A medicina com as escolas de Pérgamo, de Éfeso ou de Alexandria, a erudição com os museus (instituições que reúnem coleções de arte e de livros, criados na Alexandria, multiplicados nas monarquias helenísticas que a eles acrescentaram uma função de ensino), a retórica e a filosofia. Cada escola de filosofia – o Liceu (Aristóteles), o Pórtico (os estóicos), o Jardim (os epicuristas), a escola dos cínicos – apresenta a sua solução para atingir a felicidade pela virtude (ARENILLA et al., 2001, p. 181).

O encontro de culturas e a difusão entre vários povos comportou com o helenismo, segundo Reale (1990), uma perda de profundidade e pureza. Mas, acontece que:

Entrando em contato com tradições e crenças diversas, a cultura helênica devia fatalmente assimilar alguns de seus elementos. Fez-se sentir a influência do Oriente. E os novos centros de cultura, tais como Pergamo, Rodes e sobretudo Alexandria, com a fundação da Biblioteca e do Museu, graças aos ptolomeus, acabam por ofuscar a própria Atenas. Se Atenas conseguiu permanecer a capital do pensamento filosófico, Alexandria tornou-se inicialmente o centro no qual floresceram as ciências particulares e, quase no fim da época helenística e principalmente na época imperial, também o centro da filosofia (REALE, 1990, p. 230).

Entretanto o helenismo de acordo com Reale (1990) concentra, sobretudo, nos problema morais, que se impunham a todos os homens. E ao mesmo tempo, os filósofos da época propõem “[...] modelos de vida nos quais os homens continuaram a se inspirar ainda durante outro meio milênio e que ademais, tornaram-se paradigmas espirituais, verdadeiras ‘conquistas para todo o sempre’” (REALE, 1990, p. 230).

O helenismo foi breve, os símbolos de sua época, o Museu e a Biblioteca de Alexandria entraram em crise. De acordo com Reale (1990) no ano 45 a.C, durante a campanha de César no Egito, a Biblioteca foi incendiada, antes do incêndio, seus livros haviam atingido um total de setecentos mil. “Roma tornou o novo centro, onde os interesses eram outros e outra a têmpera espiritual. Os romanos tinham apenas interesses práticos e operativos, apreciando resultados concretos e imediatos” (REALE, 1990, p. 356). A educação em Roma toma um aspecto diferente do pensamento grego.

O que é incontestável é que, ao confrontarmos a história da educação romana com a grega, na Roma antiga procuraremos em vão algum educador estrangeiro ou banido de sua pátria, como o Fênix ou o Pátroclo de Homero, mas veremos emergir em primeiro plano a função educador do pai (MANACORDA, 2006, p. 73).

Na sociedade romana a educação destinava ao *pater familias*, isto é, ao pai, que desempenhava a atribuição do senhor e sacerdote da família, o principal responsável pela educação das crianças da casa. Nas palavras do sociólogo Émile Durkheim (1995, p. 25): “Toda a matéria-prima de nossa civilização intelectual nos veio de Roma. É possível prever, portanto, que nossa pedagogia, os princípios fundamentais de nosso ensino vieram até nós da mesma fonte [...]”.

Com declínio do Império Romano, vem o período Medieval, com a predominância da Igreja Católica no Ocidente, a única instituição organizada que restou naquele momento. Para Xavier et al (2017) a consolidação da Idade Medieval estabeleceu, de forma bem definida, as áreas de domínio entre poder espiritual (o clero, representado pelo Papa) e poder temporal (a nobreza, representada pelo Rei).

Ao contrário, conforme ficou amplamente debatido e demonstrado, as formas sistemáticas de escolas e universidades atuais têm suas raízes exatamente na Idade Média. Ao contrário de “mil anos de escuridão”, é na Idade Medieval que temos os mais sólidos espaços educacionais e argamassas culturais de que somos herdeiros. São também provenientes desse período as várias invenções tecnológicas utilizáveis tanto no campo como na cidade. Acrescente-se também que são legados da Idade Média as várias formas de convívio e funcionamento das instituições atuais, especialmente as educacionais (XAVIER et al, 2017, p. 325).

Para Behrens et al (2007), diz que o século XIII ao XV, surge o Renascimento, período que se caracteriza pela recusa em aceitar a focalização no mito (Pré-história), na razão (Grécia Antiga) e na fé (Idade Média) como fontes de conhecimento. Esses sinais eram o prenúncio do fim do período Medieval.

Educação e o reflexo da ciência moderna

As mudanças de paradigmas ocorrem de tempos em tempos e no século XV começava a revolução científica, em que a ciência se contrapõe a Igreja e aos seus dogmas seculares. Surgiram pensadores como Nicolau Copérnico (1473-1543), que desenvolveu a teoria heliocêntrica, em seguida Galileu Galilei (1564-1642), que confirmou a teoria e apresentou mais dois aspectos importantes que persistem até hoje, ou seja, a abordagem empírica da ciência e o uso de uma descrição matemática da natureza. Nessa época:

O homem precisava ser liberto e “pegar nas suas próprias mãos” o processo do conhecimento. A visão Teocêntrica tende a ser superada pela visão Antropocêntrica. Assim, a nova cultura focaliza-se no homem, que se acredita o senhor do cosmo e da natureza. No período do antropocentrismo, o homem é visto como criador, ante a natureza, e celebra sua liberdade com uma visão de individualidade (BEHRENS et al, 2007, p. 57).

O advento do paradigma tradicional ou newtoniano-cartesiano conduziu a fragmentação do conhecimento e a centralização da visão racional. Nesse aspecto, priorizou a razão em detrimento os sentimentos e as emoções, especificamente para atender o legado da lógica nas teorias e a eliminação da imprecisão, da ambiguidade e da contradição dos discursos científicos. Tal fragmentação atingiu as ciências e, conseqüentemente, a educação em toda sua estrutura pedagógica, dividindo o conhecimento em áreas, cursos e disciplinas.

De acordo com Capra (2006) antes de Descartes, a maioria dos terapeutas atentava para interação de corpo e alma, e tratava seus pacientes no contexto de seu meio ambiente social e espiritual. Assim como sua visão de mundo mudou com o correr do tempo, o mesmo aconteceu com suas concepções de doença e seus métodos de tratamento, mas eles costumavam considerar o paciente como um todo. “A filosofia de Descartes alterou profundamente essa situação. Sua rigorosa divisão entre corpo e mente levou os médicos a se concentrarem na máquina corporal e a negligenciarem os aspectos psicológicos, sociais e ambientais da doença” (CAPRA, p. 119).

Essa visão tradicional atingiu o ápice na educação e nas práticas pedagógica de ensino e aprendizagem, levou o aluno ser mero espectador do processo, exigindo dele apenas a memorização e reprodução de conteúdo, enquanto o professor coube reproduzir o conhecimento historicamente acumulado e repassar como verdades absolutas. Na modernidade, dentro do ambiente educacional, o que não é científico, calcado no cartesiano e no mecanicismo é descartado.

Para Capra (2006) a reestruturação da informação e do conhecimento envolverá uma transformação profunda de nosso sistema educacional. Com efeito, essa transformação também está em curso.

Surgem então mudanças de posturas distintas do modelo tradicional, o paradigma emergente. A visão holística, que implica em uma nova ordem de pensamento, a ideia de uma totalidade indivisível. “A nova visão da realidade é uma visão ecológica num sentido que vai muito além das preocupações imediatas com a proteção ambiental” (CAPRA, 2006, p. 402).

Quando o conceito de espírito humano é entendido nesse sentido, como o modo de consciência pelo qual o indivíduo se sente vinculado ao cosmo como um todo, torna-se claro que a consciência ecológica é verdadeiramente espiritual. De fato, a idéia do indivíduo vinculado ao cosmo expressa-se na raiz latina da palavra “religião”, “*religare*” (“ligar fortemente”), assim como no sânscrito “*yoga*”, que significa “união” (CAPRA, 2006, p. 403).

A estrutura filosófica e espiritual do paradigma emergente, não é uma proposta inteiramente nova, de acordo com Capra (2006), a ideia foi exposta muitas vezes ao longo da história humana. “Entre as grandes tradições espirituais, o taoísmo oferece uma das mais profundas e belas expressões de sabedoria ecológica, ao enfatizar a unicidade fundamental e a natureza dinâmica de todos os fenômenos naturais e sociais” (CAPRA, 2006, p. 403).

A educação pós-moderna já passa ser centrada no sujeito coletivo, existe uma preocupação no processo de assimilação e acomodação do conhecimento, como também com a construção do saber de forma dialógica e criativa.

A mudança do crescimento material para o crescimento interior está sendo promovida pelo movimento do potencial humano, o movimento holístico da saúde, o movimento feminista e vários movimentos espirituais. Enquanto os economistas vêem as necessidades humanas em função de aquisições materiais e postulam que essas necessidades são, em princípio, insaciáveis, os psicólogos humanistas concentram-se nas necessidades não-materiais de auto-realização, altruísmo e relações interpessoais ditadas pelo amor (CAPRA, 2006, p. 404).

O mundo passou a ser concebido em termos de movimento, fluxo de energia e processo de mudança. Dessa maneira a educação se aproxima da espiritualidade, à medida que as pesquisas evoluem, onde surgem novos conceitos e novos paradigmas.

Espiritualidade e Educação

A espiritualidade é uma temática recorrente na atualidade. Para Röhr et al (2012) com certa frequência assistimos, hoje em dia, pessoas se declarando espiritualistas. Sem sombra de dúvidas, recebemos as mais variadas respostas quando perguntamos o que de fato significa isso para essas pessoas.

Nelas há em comum: a rejeição do materialismo, seja ele político, econômico, filosófico ou ateu em geral; a crença numa força superior ao homem, que confere sentido à vida; e, no mínimo, um distanciamento em relação às religiões formais e tradicionais. Nas demais, os conceitos podem variar das mais rasteiras declarações de autoajuda até os mais sinceros esforços de harmonizar-se consigo, com a humanidade e com o cosmo (RÖHR et al, 2012, p. 13).

A princípio, quando se pensa espiritualidade implica necessariamente refletir a integralidade do ser humano. Admitindo que o ser integral é formado pela dimensão visível, incluindo a corporeidade (parte físico-biológica) e as dimensões invisíveis (espiritualidade), parte emocional, que abrange a psique, a extensão das emoções. Para Röhr et al (2012) a

constituição do ser contém inevitavelmente, as cinco dimensões básica de acordo com seus graus de densidade material, conforme figura abaixo:



Ilustração do Livro: Diálogos em Educação e Espiritualidade

Através dessa construção é possível para o autor, por exemplo, medir os fluxos de pensamentos eletromagneticamente, facilitando a percepção das cinco dimensões e questionando a tradição que a filosofia ocidental estabeleceu entre matéria e espírito.

Podemos afirmar, portanto, que todas as cinco dimensões mencionadas, em certo sentido, são matéria, compreendendo matéria não necessariamente como matéria física. Temos de distinguir, nesse caso, entre matérias mais densas e mais sutis. Isso significa também que as matérias das realidades mais sutis não têm as mesmas características e não são submetidas, necessariamente, às mesmas “leis” da matéria física. Só para dar um exemplo, sabemos que a intuição humana, que é uma função da dimensão mental, não está presa às condições de espaço e tempo. Até muitas das relações entre as dimensões básicas se tornam mais compreensíveis partindo da realidade como escala entre a matéria física como a mais densa e a espiritual como a mais sutil. Podemos perceber que as realidades mais densas influenciam mais facilmente e quase que instantaneamente as mais sutis (RÖHR et al, 2012, p. 16).

Segundo explicação de Röhr et al (2012), depois de lançado luz sobre a constituição das dimensões do ser humano, tudo se caracteriza em dois momentos distintos. Uma chamada de *hominização* que compreende o processo natural das dimensões mais densa sobre as mais sutis. Enquanto a outra compreendida como *humanização*, seria o trabalho árduo de fazer valer o lado mais sutil do ser humano, o espiritual. “[...] em termo de importância na ação pedagógica, não podemos fazer esse tipo de hierarquia, pois necessitamos das outras dimensões muito bem cuidadas para abrir o espaço que a dimensão espiritual assume: a função de guiar a nossa vida” (RÖHR et al, 2012).

A educação na atualidade tem se apoiado sistematicamente nas visões produzidas pela psicologia, embora que não existem as implicações destes vínculos. “De forma que se quisermos ampliar o diálogo entre educação e espiritualidade será necessário incluirmos as conquistas e superarmos os limites da pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade, sem fazemos nenhuma exclusão” (RÖHR et al, 2012, p. 154).

A meta da educação é a plena humanização do ser, o que só é possível pela inclusão e integração contínua das múltiplas faces do arco-íris das linhas do desenvolvimento em uma busca de realização dos níveis pós-pós-convencionais.
O outro ponto importante no diálogo entre educação e espiritualidade, consiste na compreensão dos processos de crescimento percebidos com base em um modelo formativo do curso observado, que inclui a não-separatividade e a flexibilização do self, tendo por referência a noção de “entre-deux” (na sua “Circularidade Fundamental”, nos ‘quatro quadrantes do kosmos’ e nos “doze elos da originação interdependente”), como caminho que favorece um processo contínuo de integração ou “incorporação” das múltiplas dimensões do ser-no-mundo (RÖHR et al, 2012, 155).

Parece, portanto, a necessidade de uma reflexão no campo educacional, principalmente no aspecto que sustenta a noção de “sujeito da educação”, de maneira que permitia a ressignificação da visão hegemônica para além da formação da cidadania democrática e da fixação do conhecimento racionalista. “[...] deslocando essa visão para uma análise voltada à integralidade da formação humana no mundo com seus modelos de inclusão da dimensão espiritual” (RÖHR et al, 2012, p. 155). Tal mudança de paradigma retorna a tradição arcaica grega, que compreendia o ser humano como pluridimensional.

Conclusões

A tradição grega compreendia o homem como sendo um ser único, um *ánthropos*, revestido de envoltório, onde além do corpo material também se constituía um corpo espiritual, abrigando nele à essência, a alma, a *psykhé*. Quando se pensava a formação do homem grego, se compreendia como pluridimensional.

Com a chegada do helenismo a ideia de educação, compreendida pelo grego como formação para o exercício da cidadania e da vida política foi abandonada e os fatores políticos, econômicos, sociais e culturais passaram a influenciar na condução da pedagogia educativa do indivíduo.

Com o tempo Roma torna-se o centro cultural, onde os pensamentos eram outros. Os romanos tinham apenas interesses práticos e operativos, apreciando apenas resultados concretos e imediatos, a educação dessa época toma um aspecto totalmente diferente do grego. Na sociedade romana a educação destinava ao *pater familias*, ou seja, ao pai, considerado o senhor e sacerdote da família, responsável pela educação das crianças da casa.

Com o declínio do Império Romano, vem o período Medieval, que predominou a Igreja Católica, a única instituição organizada da época, período de sistematização das escolas e universidades.

As mudanças de paradigmas ocorrem de tempos em tempos e no século XV começava a revolução científica, em que a ciência se contrapõe a Igreja e aos seus dogmas seculares. Surge então nos séculos seguintes o paradigma tradicional, que fragmentou o conhecimento e centralizou a visão racionalista. Nesse sentido, priorizou a razão em detrimento aos sentimentos e emoções, para atender o legado da lógica e eliminar a ambiguidade e a contradição dos discursos científicos. Tal fragmentação alcançou também a educação em toda sua estrutura pedagógica.

O modelo tradicional de educação, baseado no racionalismo empírico, apresenta sinais de esgotamento na sociedade contemporânea, percebe-se a necessidade de ressignificar o conhecimento adquirido ao longo da tradição ocidental. O desafio agora é repensar a pedagogia educacional, envolvendo seus principais atores na construção de um educação integradora, onde o indivíduo esteja incluído no universo da compreensão pluridimensional.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 1ª ed. brasileira, São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARENILLA, Louis. et al. (Org.). **Dicionário de pedagogia**. Lisboa: Piaget, 2001.

BEHRENS, Marilda Aparecida. OLIVARI, Anadir Luiza Thomé. **A Evolução dos Paradigmas na Educação: Do Pensamento Científico Tradicional a Complexidade**. In: Revista Diálogo Educacional, volume 7, número 22, p. 53-66, 2007.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

DURKHEIM, Émile. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação: Da Antiguidade aos nossos dias**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PLATÃO (1987). **A República**. 5ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

POSSEBON, Fabricio. **Espiritualidade e Saúde: A Experiência Grega Arcaica**. In: Revista Interações – Cultura e Comunidade, volume 11, número 20, p. 115-128, 2016.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 2ª Ed., São Paulo: Paulinas, 1990.

RÖHR, Ferdinand et al. (Org). **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. 2ª Ed., Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

XAVIER, Antônio Roberto. CHAGAS, Eduardo Ferreira. REIS, Edilberto Cavalcante. **Cultura e Educação na Idade Média: Aspectos Histórico-Filosófico-Teológicos**. In: Revista Dialectus, ano 4, número 11, p. 310-326, 2017.